



Atingido por barragem: o rádio e o movimento social cunhando identidades¹

Alexania Rossato²

Veneza Mayora Ronsini³

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O texto apresenta os resultados da primeira etapa de uma pesquisa que procura compreender como se constitui a identidade de jovens camponeses através do conflito entre a recepção radiofônica e a mediação do Movimento dos Atingidos por Barragens, aprofundando as relações que envolvem o campo da comunicação e do movimento social camponês. O recorte dado destina-se a compreender a disputa pela hegemonia entre a imprensa local e as empresas construtoras da Usina Hidrelétrica Barra Grande, de um lado, e movimento social, calcado na cultura popular, de outro. A abordagem teórica tem o aporte dos estudos de recepção latino-americanos.

Palavras-chave

Recepção radiofônica; juventude; movimentos sociais.

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar os resultados parciais de um estudo que está sendo desenvolvido como base para minha dissertação de mestrado. Com a pesquisa procuramos compreender como se constitui a identidade de jovens camponeses através do conflito entre a recepção radiofônica e a mediação do Movimento dos Atingidos por Barragens⁴, aprofundando as relações que envolvem o campo da comunicação e do movimento social camponês.

Para isso vamos ao encontro de jovens integrantes de um movimento social contemporâneo, que, apesar de viverem numa condição de pobreza, não aceitaram passivamente as empresas que construíram uma barragem que lhes tirou as terras e,

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação para a Cidadania.

² Bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela UFSM. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela mesma universidade. E-mail: alexania.rossato@terra.com.br.

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Informação da UFSM. Doutora em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Pesquisadora do CNPq.

⁴ O Movimento dos Atingidos por Barragens tem abrangência nacional e é uma organização de camponeses atingidos por construções de usinas hidrelétricas e barragens para captação de água, como acontece no nordeste.



portanto, se organizaram no MAB⁵, isso numa sociedade onde o espírito coletivo perde força a cada dia e as pessoas se tornam cada vez mais individualistas pelas vias do neoliberalismo. O cenário da pesquisa se passa na região da bacia do rio Uruguai, na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, onde foi construída a Usina Hidrelétrica⁶ Barra Grande.

A centralidade da proposta é pensar a cultura como fundamental no plano da comunicação, sendo a articuladora dos entendimentos sobre a produção de fenômenos que contribuem para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social. Portanto, o fato de serem camponeses e envolvidos com um movimento social diz muito para compreender como se apropriam do conteúdo da mídia, aceitando-o, negando-o ou negociando com ele.

E mesmo insuficiente para explicar integralmente os fenômenos sociais, para nós, a noção de classe social será fundamental, visto que o que está em jogo na região de análise é o poder econômico de uma empresa estadunidense e outras de capital nacional e o poder da organização dos agricultores. Apesar de ser uma categoria pouco utilizada nos estudos contemporâneos, acreditamos que ela retoma a preocupação política dos pais fundadores dos estudos culturais ingleses. Outro fator para considerar a noção de classe social é de que cada vez mais os movimentos sociais assumem importância na sociedade contemporânea e estudá-los é emblemático na medida em que são referências para as lutas populares. Além disso, a mescla entre classes populares, identidade, representações e mídia fornece elementos riquíssimos para a análise acadêmica, trazendo para o debate a imbricação entre o modo de vida camponês e os meios de comunicação de massa.

Se buscarmos nos fundamentos do Centro para Estudos Culturais Contemporâneos⁷, fundado em 1964, em Birmingham (Inglaterra), encontraremos que uma das preocupações dos teóricos da época foram as culturas populares, sob influência da teoria gramsciana. Ana Carolina Escosteguy esclarece que os estudos sobre estas culturas pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, sobre o problema de sua autonomia e, também, como esses mesmos sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares.

⁵ Em alguns momentos usaremos a sigla MAB ou apenas Movimento para designar o Movimento dos Atingidos por Barragens.

⁶ Também usaremos a sigla UHE para se referir a usina hidrelétrica.

⁷ Hoje o Centro para Estudos Culturais Contemporâneos é chamado Departamento de Estudos Culturais e Sociologia

Segundo ela, com os estudos culturais o conceito de cultura alargou-se, se comparado ao que vinha sendo usado até então, pois incluiu práticas e sentidos do cotidiano, o que proporcionou uma segunda mudança importante: “todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história” (2001, p.26).

Dessa forma a preocupação está em entender como o processo de comunicação acontece dentro de uma cultura, vinculando-a às relações sociais pela influência marxista. Esse viés direcionou o interesse central dos estudos culturais a perceber as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais. Neste contexto, entendemos cultura como sendo

a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (García Canclini, 1995, p.29)

Por natureza, os objetos dos estudos culturais são os processos culturais, isto é, a produção, a circulação e o consumo da cultura, ou, nos termos de Orozco Gómez (1990, p.1), “a cultura é o terreno onde os significados midiáticos germinam, se negociam, se consomem, ou se negam e onde adquirem algum sentido para audiências específicas a partir de determinadas mediações”.

Na América Latina os estudos culturais desencadeiam uma variante que ficou conhecida como estudos de recepção. Esta nova frente começa a ter seus primeiros expoentes na década de 80 com Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez, autores que dirigiram-se para o estudo das culturas populares e buscaram superar à insuficiência dos moldes europeus adaptando-se à realidade local.

Iniciamos, portanto, os primeiros passos da reflexão teórica a partir dos estudos de recepção e temos as noções básicas que norteiam a análise do objeto empírico proposto pela pesquisa. Souza afirma que “a recepção vem sendo trabalhada (...) como um conjunto de relações sociais e culturais mediadoras da comunicação como processo social, ou atividades complexas de interpretações e de produção de sentido e de prazer” (apud Jacks e Escosteguy, 2005, p.15).

Escosteguy diz que “na América Latina dos anos 80 os estudos de recepção encontraram aplicação no terreno fértil da redemocratização da maioria dos países e na ação dos movimentos sociais que levaram adiante lutas contra a repressão e a

discriminação” (apud Jacks e Escosteguy, 2005, p.53). E é nos movimentos sociais que os autores encontram os espaços de investigação dessa nova frente. Martín-Barbero é quem mais explicitou a importância dos mesmos nessa configuração. Ele diz que “os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos sociais e das novas dinâmicas sociais, abrindo, dessa forma, a investigação para as transformações da experiência social” (2002, p.41 e 42). Por fim, Martín-Barbero afirma que “esta ‘nova’ frente trata dos processos culturais enquanto articuladores das práticas comunicativas com os movimentos sociais e esse é o modo como o popular se inscreve na análise dos processos culturais” (2002, p. 128 e 129). Frente a este panorama nos aproximemos da proposta metodológica do autor, o uso social dos meios,

usada para entender a relação entre receptores e meios, que parte do estudo das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, observando as diferentes temporalidades e as pluralidades de matizes culturais, constituindo-se, portanto, num possível desenvolvimento de sua formulação maior, a perspectiva das mediações. (Jacks e Escosteguy, 2005, p.65)

A partir da mudança proposta por Martín-Barbero, na qual o enfoque sai dos meios e vai às mediações, entende-se que a apropriação da mensagem midiática pelo receptor não acontece em uma consciência livre de interferências. Para ele, as mediações são os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural, ou seja, são os lugares que produzem sentido à recepção:

as mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o locus que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas daí que a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-se do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido. (Martín-Barbero apud Escosteguy e Jacks, 2005, p.67)

Entramos em sintonia com esta proposta e encontramos respaldo para a pesquisa buscando no MAB o espaço para compreender a dimensão da cultura e para enquadrá-lo como categoria mediadora da recepção, juntamente com a cotidianidade, outra categoria definida por Martín-Barbero e compreendida como sendo “a organização espacial e temporal do cotidiano, onde a maior ou menor autonomia dos agentes define maior ou menor poder político” (Ronsini, 2002, p.88).

Compreender a recepção a partir de apontamentos sobre o popular

Foi a incorporação do pensamento de Antônio Gramsci nos estudos culturais que “permitiu vislumbrar um movimento mais dinâmico e complexo na sociedade, admitindo tanto a reprodução do sistema de dominação quanto a resistência a esse mesmo sistema” (Escosteguy, 2001, p.91). E por este viés nos são próximas as idéias de hegemonia e classes subalternas, heranças gramscianas que apontam para que levemos em conta fatores como práticas de negociação, compromissos assumidos e mediações realizadas.

Richard Hoggart foi o precursor dos estudos sobre as classes populares e a mídia, observando o operariado inglês no início do século XX. Seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. Segundo Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 22), “este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência frente à mecanismos de controle e reprodução da sociedade”, e, por extensão, frente aos meios de comunicação.

Em se tratando da recepção dos produtos radiofônicos, é preciso esclarecer que existe, entre a mídia e outras instituições, no nosso caso o MAB⁸, uma competição pela hegemonia, compreendendo-a como sendo “a capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é homogêneo, mas sim marcado por profundas contradições de classe e, para obter a aprovação das classes exploradas, a classe dirigente se utiliza de uma rede de instituições para difundir sua ideologia” (Gruppi apud Ronsini, 1993, p.7). A este conceito é acrescido que a hegemonia

possibilita pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. (Martín-Barbero, 2001, p.116)

A partir desta chave fornecida por Martín-Barbero nos cabe compreender melhor a relação entre a hegemonia e a subalternidade. Partimos do princípio de que os integrantes do MAB trazem consigo traços da classe subalterna que se revelam pela situação de carência de bens materiais, pelas suas dificuldades de transporte e de comunicação e pelo modo de vida das pessoas que dele fazem parte.

⁸ Pelo fato de não ser institucionalizado, o MAB não é considerado uma instituição, mas uma organização. No entanto, para fins de aplicação do conceito, são sinônimos.

Escosteguy (2001, p.108) diz que “por muito tempo a cultura popular foi desprezada como objeto de estudo, ao contrário do que se percebe no debate contemporâneo, onde estes estudos estão estreitamente articulados à direção política e cultural das sociedades”. A autora traz o conceito de Stuart Hall para o qual a definição de cultura popular deriva sua força da categoria hegemonia, o que implica pensar o popular em termos de relações entre classes:

A cultura popular é um dos espaços onde ocorre a luta a favor ou contra uma cultura dos poderosos: é também um jogo a ser ganho ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. É parcialmente onde a hegemonia surge e onde ela é assegurada. (apud Escosteguy, 2001, p.116)

Para nos apropriarmos um pouco mais da contribuição de Hall, consideramos que o termo popular guarda relações muito complexas com o termo classe, mas não são absolutamente intercambiáveis, pois não existe uma relação direta entre uma classe e uma forma ou prática cultural particular. Hall é esclarecedor ao afirmar que

o termo popular indica o relacionamento entre a cultura e as classes um tanto deslocado. Mais precisamente, refere-se à aliança de classes e forças que constituem as classes populares. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área a que o termo popular nos remete. O povo versus o bloco de poder: isto, em vez de classe contra classe, é a linha central da contradição que polariza o terreno da cultura. A cultura popular, especialmente, é organizada em torno da contradição: as forças populares versus o bloco de poder. (Hall, 2003, p.262)

No estudo sobre a recepção radiofônica na região de abrangência da UHE Barra Grande, a centralidade está exatamente no que fala Hall: a cultura popular é organizada em torno da contradição entre as forças populares – as famílias organizadas no MAB, versus o bloco de poder – o Consórcio Baesa e o rádio. Ou seja, a cultura popular é fruto do conflito e da luta pela hegemonia, numa arena onde ela é disputada, vencida, perdida, resistida pelas forças sociais. A cultura popular seria, então, este espaço simbólico de luta. Agora o desafio é identificar no espaço geográfico escolhido, permeado por vários elementos culturais, o espaço simbólico da luta pela hegemonia, que, no nosso entender, passa pelo rádio.

Como nosso interesse situa-se na recepção radiofônica, seguiremos investigando os elementos que fazem a mediação deste veículo compreendendo os processos culturais no âmbito do popular, valorizado em sua “representatividade sociocultural e em sua capacidade de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que

vem da cultura hegemônica e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica” (Martín-Barbero, 2001, p.117).

Desta forma, nos estudos de comunicação se faz necessária uma distinção entre o popular-massivo e o popular-memória, conceitos trazidos pelo próprio Martín-Barbero. A importância disso está em reconhecer o popular-memória entre os integrantes mais velhos do MAB, já que por esta noção se compreende a “memória de uma matriz cultural negada”. O popular-memória “é o que emerge nas práticas que tem lugar, por exemplo, nas praças de comércio de camponeses ou em festas do povo”, como afirma Martín-Barbero: “em todas essas práticas se pode encontrar sinais de identidade, através do qual se expressa, se faz visível um discurso de resistência ao discurso burguês” (2002, p.118). Já entre os jovens é perceptível a bricolagem do popular-memória com o popular-massivo, onde o massivo é a negação e/ou a assimilação do popular. Isso vai de encontro ao que sugere Martín-Barbero (apud Escosteguy, 2001, p.120): “não se pode pensar o popular à margem do processo histórico de constituição do massivo. O popular é um lugar a partir do qual se pode pensar o processo comunicativo, é uma matriz cultural vista como mediação para estudar a comunicação, localizada entre os meios e as práticas cotidianas”. Para ele, o popular só tem sentido se for pensado na relação conflitiva com o massivo e este condiz com a condição estrutural da sociedade moderna, a um novo funcionamento da hegemonia.

Por serem camponeses, os integrantes do MAB têm fortes vínculos com a cultura popular que se expressa nas práticas de solidariedade entre as famílias e nas práticas religiosas, mas também ao se reunirem numa roda para cantar e tocar músicas caipiras no final da tarde, como presenciamos nas viagens de campo. No entanto, aos poucos estão incorporando características da cultura massiva, principalmente pelas músicas que os jovens ouvem (rock e funk) ou pelas novelas que assistem.

O movimento social lapidando a identidade do jovem camponês

O tema juventude sempre despertou interesse na pesquisa social. No nosso caso o interesse é pelo fato de ser um período em que o senso de identidade se (re)define conforme a recepção e as mediações que estão envolvidas na vivência juvenil. Para Novaes, “biologicamente, o jovem é aquele que, em tese, está mais longe da morte,

mais predisposto à vida, tem o gosto pela aventura e a curiosidade pelo novo. Em consequência, tem um lado mais propenso ao revolucionário” (2000, p.46), neste sentido, Erickson lembra que

na juventude, os quadros de dependência infantil, começam evoluindo lentamente: já não compete meramente aos mais velhos ensinar aos jovens os significados da vida. É o jovem que, por suas ações e reações, diz aos velhos se a vida, tal como lhes foi representada, contém alguma promessa vital; é o jovem que traz consigo o poder de confirmar aqueles que o confirmam, renovar e regenerar, de rejeitar o que está no poder e revolucionar. (apud Sousa, 1999, p.25)

Já Groppo (2000, p.7) define a juventude como uma categoria social. Para ele “a juventude é uma representação sócio-cultural, uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios jovens, para significar uma série de comportamentos a ela atribuídos na sociedade moderna”. Na visão do autor, a juventude como categoria social é condicionada pela sociedade, pelas relações que mantêm, pelas instituições que faz parte. Aqui se estabelece a matriz do pensamento de que a identidade deve ser vista e analisada a partir da vivência, do cotidiano e que essa identidade cultural influencia no processo de produção de sentido frente à recepção radiofônica.

Não podemos negar que os jovens que se mobilizam em função de mudanças sociais são a minoria, mas Novaes diz que seu ponto de vista sobre a participação da juventude de hoje é positivo. Segundo ela (2000, p.54), “através de atividades culturais e experimentos sociais, podemos trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para mudanças de mentalidade”. Historicamente pode-se dizer que a cultura juvenil evolui de uma ‘época de ouro’ nos anos 50, para uma fase contestatória positiva nas décadas de 60 e 70, que teve seu auge nos movimentos contra-culturais, e que hoje ela se apresenta de forma fragmentada e em grande parte alimentada pela indústria cultural, mas ainda encontra forças para manter a chama da utopia acesa em algumas organizações seja na cidade, através do movimento hip-hop, ou no campo, pelos movimentos sociais.

Consideramos que, se os meios de comunicação conquistaram uma importância social significativa na medida em que foram se difundindo e evoluindo tecnologicamente, também deve ser levada em conta a resistência que o público lhes oferece no que concerne à recepção de suas mensagens, principalmente, pelos jovens com nível de consciência um pouco mais elevado, proporcionado pela participação em organizações sociais como o MAB, por exemplo.



Neste estudo partimos do pressuposto de que a juventude envolvida com movimentos sociais tem uma leitura mais crítica da mídia com relação à juventude que não se envolve com essas organizações. Mesmo assim, as análises até agora têm nos revelado um paradoxo: de um lado, uma cultura juvenil camponesa que já não é a mesma, cada vez mais se assemelha à cultura juvenil urbana, com identidades que tendem a se organizarem de acordo com o molde urbano-ocidental que foi vinculado à juventude do mundo inteiro; e por outro, esta mesma juventude mantém acesos os princípios de uma sociedade diferente, centrada na justiça social, na distribuição da renda e da terra, na negação das multinacionais, entre outros.

A formação que o MAB lhes proporciona provoca a tomada de consciência da subalternidade na sociedade capitalista. Podemos citar duas consequências disso: uma delas é a não aceitação das mensagens radiofônicas que denigrem o Movimento do qual fazem parte, e a outra é a luta contra empresas privadas que lhes tiraram o sustento e o sustento de suas famílias. Nas terras que abrigam os entrevistados, a vivência do jovem camponês se frutifica em muitas experiências que ‘reineventam a utopia’ pela participação no MAB. Isso “carrega um traço de resistência à lógica da fragmentação contemporânea” e como nos faz pensar Sousa (1999, p.202), “apesar de admitirmos que a história mudou, nela cabem ainda os indivíduos e suas utopias”.

A recepção radiofônica pelo viés das mediações

Este item é dedicado a uma aproximação com o objeto empírico pelas entrevistas feitas até agora. Acreditamos que é aqui que melhor podemos compreender a vida dos jovens camponeses, sua atuação, sonhos e perspectivas. Para tanto, trabalhamos com as duas categorias de análise mediadoras da recepção propostas por Martín-Barbero, a cotidianidade e o movimento social.

É na cotidianidade, repleta de tensões, que acontece a interpelação fundamental para a tomada de posturas e, conseqüentemente, para a conduta de cada um dos jovens frente às situações que o fato de “ser atingido⁹” por uma barragem colocou em suas vidas. Neste sentido Nilda Jacks afirma que “o indivíduo, mergulhado em seu cotidiano, está também em sua cultura, portanto, está atravessado por todas as práticas, imagens, valores, e símbolos que a constituem”. Ela complementa com a idéia de que

⁹ Ser atingido é uma expressão usada pelos próprios integrantes do MAB e revela o que os identifica enquanto grupo de pessoas que vivem a mesma problemática.

para os estudos de recepção que visam a análise das mediações que sofre o processo, conhecer o cotidiano dos receptores é uma forma de captá-las através de certas práticas que o configuram, conhecer essas práticas cotidianas, na verdade, é a forma mais depurada e mais decantada de conhecer a cultura de certo grupo social. (1999, p.131)

Nas relações familiares é que se explicitam os conflitos ou se fortalecem as afinidades entre pais e filhos, refletidos na visão de mundo e na atuação cotidiana dos jovens. A ligação que todos têm com a terra é fruto do trabalho familiar, pois as famílias têm origem rural e dependem da terra para sobreviver. No entanto, o fato de serem agricultores não significa que eram os donos das terras nas quais plantavam. Expressões como: “meu pai trabalhava no terreno do meu avô” ou “os terrenos onde meu pai trabalhava de arrendatário foram alagados” estão presentes nos relatos. Segundo os jovens, seus pais trabalhavam primeiramente para garantir o sustento da família, somente vendiam o que sobrava. Toda a produção é baseada na subsistência, plantam principalmente miudezas¹⁰, milho e feijão. Aqui está a base para a identidade de camponês, a família e o modo de vida e de trabalho se refletem nas posturas de contestação que assumem frente ao conteúdo radiofônico que eleva as empresas construtoras da barragem que lhes tirou as terras, ameaçando sua condição de agricultor.

No entanto, a falta de terras e de oportunidades de emprego marca as respostas. A falta de trabalho para os jovens na região ocasiona o êxodo para cidades de maior porte como Lages e Campos Novos, em Santa Catarina, e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Trabalhar ou militar no MAB, como eles dizem, é o único envolvimento dos jovens além do trabalho com a família.

O movimento social é a segunda categoria de análise. O nosso interesse está em compreender como o fato de os jovens serem ativos no MAB garante - ou não - determinadas posições político-ideológicas que se refletem nas leituras que fazem do fluxo radiofônico. O MAB se caracteriza como o espaço simbólico e econômico da luta pela hegemonia a partir da luta de classe. Neste sentido, concordamos com Frank e Fuentes (1989, p.32) quando afirmam que “a luta de classe, em grande parte do terceiro mundo, continua e até se intensifica, mas toma forma e se expressa por meio de muitos movimentos sociais e que estas organizações são, principalmente, de classes populares”. E sendo de classes populares, esses jovens fazem oposição à classe hegemônica, representada pelas empresas acionistas da barragem. Assim, a subalternidade está

¹⁰ Expressão usada por uma das entrevistadas para se referir à plantação feita em hortas como batatinha, verduras, mandioca, etc.

historicamente diferenciada, por um lado como estado sócio-econômico que a sufoca, e, por outro, como consciência de classe que a suscita.

Apesar de todos os entrevistados serem jovens de 16 a 19 anos, eles já têm uma significativa experiência (de dois a cinco anos) e com responsabilidades de grande porte, afirmam que a combinação da teoria com a prática é que dá um bom resultado para o crescimento pessoal. Os jovens que conheci em Anita Garibaldi¹¹ começam a despertar para a militância e encontraram no Movimento um espaço no qual se identificam e complexificam sua vida. A participação quase sempre se dá em função da influência dos pais, portanto a maioria dos jovens encontra apoio na família para o engajamento no MAB.

Todos os jovens entrevistados se identificam como “atingidos pela barragem” e esse foi o principal fator que levou as famílias a participar do movimento, pois visualizaram nesta organização uma possibilidade de novamente terem terras. Depois de muita luta e organização as famílias que detinham o título da terra conquistaram reassentamentos. Deste período, o que permanece na memória dos jovens é a “peleia”, como eles dizem. Os direitos das famílias eram constantemente negados e a empresa queria resolver o caso de cada um, isoladamente, fragilizando a organização dos agricultores. Os confrontos com a polícia também estão presentes nos relatos: “Eu lembro de ter levado uma cotovelada de um policial em baixo do queixo, a gente teve um confronto direto com a polícia aqui em Anita. Foi logo no começo da nossa luta, os policiais jogaram bomba de gás lacrimogêneo porque nós estava mobilizado, reivindicando nossos direitos”, afirmou uma entrevistada.

O sentimento de pertença é o que revela o grau de envolvimento na organização. Quando perguntamos por que eles estavam no MAB, as respostas não variaram muito. Iam da influência familiar, passando pelo senso de indignação e de injustiça, “Isso tudo que a gente vive faz com que nasça uma revolta dentro de você, que você tem que estar envolvida”, nos revelou uma das moças. “Eu participo do MAB por causa da minha indignação com o atual modelo que está no Brasil. Aí eu penso, será que nós vamos conseguir mudar? E eu quero dar a maior força pra mudar, porque depende de todos nós”, diz outro entrevistado.

¹¹ Anita Garibaldi é o município catarinense onde moram os cinco jovens que entrevistei. Economicamente é o principal dos nove municípios envolvidos com a construção da UHE Barra Grande e nele está localizada a secretaria regional do Movimento.

Quando interrogados sobre como seria a vida deles se não estivessem engajados, dois jovens responderam que estariam trabalhando em cidades maiores, outros dois que estariam na cidade e a quinta pessoa disse que teria o “pensamento capitalista”, pois antes de ser envolvida ela era uma pessoa preconceituosa, tinha vergonha de morar na roça. Ela se questiona: “Sabe o que é sentir vergonha disso? Eu aprendi desde pequena a ter vergonha do meu pai, a ter vergonha da minha família”.

Sobre a relação com os meios de comunicação, o ponto de vista dos jovens sobre como o rádio representa o MAB é muito negativo. Quando perguntados como analisavam o que passa no rádio a respeito do MAB, todos foram unânimes em responder que o rádio descaracterizava o Movimento. Os depoimentos têm a seguinte linha:

“Sobre os conflitos eles sempre distorcem, colocam que no movimento é só baderneiro, que só querem confusão, que andam armados, e não é isso o que acontece, porque o Movimento faz estas manifestações e não usa nem um canivete, não usa uma faca! Eu acho que as empresas estão atrás disso, pagam uma pessoa para distorcer o que acontece e mandar para a imprensa, para as rádios, para a TV. Por trás disso deve ter alguém que distorce os fatos.”

“A imprensa aqui na região sempre defendeu a barragem, qualquer coisa que acontecia, sempre o pessoal do movimento eram os baderneiros, que se metia no que não era deles, a imprensa sempre passou isso. Acho que nunca teve um rádio, uma TV que passava o lado da gente, o lado do atingido que tava lutando pelos direitos, nunca teve uma palavra para defender os movimentos sociais. E quando a gente assiste nos jornais sobre os movimentos sociais, sempre são os que não prestam, esse é o lado que a imprensa passa.

“Aí mais uma vez cai na questão financeira, se não houvesse a ajuda financeira da empresa, eles seriam bem mais realistas na divulgação. Mas agora tu vai botar um movimento social contra uma multinacional, o que divulgar? Eles falam que somos vândalos, que não temos direitos, que não vamos trabalhar.”

“Eles sempre ficam em cima do movimento, nunca colocam o que realmente está acontecendo, eles sempre levam pra outro lado. A imprensa sempre fica do lado de quem tem mais, sempre fica do lado da empresa e nunca do agricultor. Não são a favor de quem fica lutando, se mobilizando.”

“Eu acho que a TV só mostra o lado da empresa e quando ela mostra o lado do atingido, ela só distorce boa parte. Sempre passa mais do lado da empresa do que do MAB.” (Magali)

Frente aos depoimentos percebemos que o interesse que as emissoras de rádio têm com o MAB é distorcer os fatos e colocar a população local contra os integrantes do Movimento, “a maioria são contra os movimentos, e principalmente contra o MAB, o povo em geral, os vereadores”, diz uma das entrevistadas. Para outros não existe

interesse das emissoras no MAB, pois o movimento não investe financeiramente nas rádios, ao contrário das empresas construtoras da barragem que investem muito dinheiro nas rádios.

Sobre a imagem que as emissoras de rádio criam do Movimento a resposta única: “Que é um bando de baderneiros, de bagunceiros, tentavam desmoralizar o MAB frente a população, deixar o povo da cidade contra o MAB, criavam a imagem de sem-terra, de invasores, que estão ali só pra briga”, afirmam. “Muitos têm até medo da gente, as pessoas ficam nos com os olhos grandes, dizendo: olha aquela ali é do MAB. Já uma com a camisa da Baesa é diferente: Há, aquele trabalha pra Baesa! Carregam na palma da mão, porque é uma empresa grande”, finaliza uma entrevistada.

Considerações finais

Os caminhos trilhados até aqui para a elaboração da dissertação nos proporcionaram várias descobertas – embora parciais - acerca da formação da identidade dos jovens camponeses através das duas categorias mediadoras da recepção radiofônica: a cotidianidade e o movimento social. Uma destas descobertas está em sintonia com o pensamento de Sousa (1999, p.201) para o qual o engajamento no movimento faz com que os jovens se valorizem e se apropriem de sua juventude, “em um contexto desfavorável para tal, sob a hegemonia do mundo das mercadorias”. A identidade é valorizada pelo engajamento e dessa forma eles se sentem sujeitos da construção social da realidade camponesa.

A identidade de projeto, identificada “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (Castells, 1999, p.24), é a identidade assumida pelo MAB, que além de criarem resistência frente à sociedade capitalista, propõe projetos concretos de mudanças nas estruturas sociais para a melhoria das condições de vida dos indivíduos engajados. Essa identidade coletiva se transforma em identidade individual no momento em que cada jovem assume como sua, a tarefa de ser instrumento dessa transformação. Dessa forma concordamos com Menezes, para a qual a identidade constitui um fenômeno de auto-reconhecimento, tanto individual como coletivo, pois configura um sistema de referências onde um observa o outro, assim, a identidade só é reconhecida no



coletivo, portanto a ela “es siempre socialmente atribuida, socialmente mantenida y, también, sólo se transforma socialmente” (apud Jacks, 1996, p.173).

Pela cotidianidade percebemos que a família ainda é núcleo mantenedor das expressões do campesinato e identidade de camponês é coroada pelos valores vivenciados nela. O fato de a barragem ter lhes tirado as terras com a formação do lago infringe esses traços e atuarem no MAB é uma tentativa de continuarem sendo agricultores. Enquanto camponeses que foram desalojados, se identificam como “atingidos por barragens”, ou seja, ser atingido carrega consigo uma cadeia de negações, como afirma Silva (2000, p.75). Portanto a identidade se completa na diferença e ser atingidos é sinônimo de não ser agricultor, ou então, ser do MAB é sinônimo de não ser da Baesa, o que acirra a disputa pela hegemonia.

O conflito que se instala entre a mediação dos movimentos sociais e a recepção midiática é perceptível no discurso dos jovens. Esta postura com relação à mídia aparece quando afirmam que a mídia deslegitima e desmoraliza a conduta do MAB, o que denota o peso da formação política adquirida pela participação no Movimento. Depois de analisarmos os relatos, podemos inferir que a leitura que fazem do rádio é uma leitura de oposição quando se trata da representação que o veículo faz do Movimento. Talvez seja imaturo afirmar, mas essa leitura de oposição é fruto do trabalho que o Movimento faz - entre os militantes - de deslegitimação das emissoras de rádio. E, segundo a declaração dos jovens, como as emissoras têm uma clara postura de criminalização do movimento social e de defesa das empresas construtoras da barragem, consideram que buscar alianças com estes veículos seria reconhecer uma credibilidade que eles não possuem.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia dos estudos culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FUENTES, André Gunder; FUENTES, Marta. *Dez teses acerca dos movimentos sociais*. Lua Nova, Revista de Cultura e Política, n° 17, junho de 1989.

_____. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.



GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. *Televisión, recepción, identidad: cuestiones e inbricaciones*. In: Orozco Gómez, Guillermo. *Miradas latinoamericanas a la televisión*. Mexico: Universidade Iberoamericana, 1996.

_____. *Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção*. Porto Alegre. Editora da Universidade, 1999.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. *Ofício de Cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura*. Santiago, Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

NOVAES, Regina R. *Juventude e participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política*. In: ABRAMO, Maria Helena; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília Pontes (org). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

OROZCO GÓMES, Guillermo. *Cultura y televisión, de las comunidades de referênci a la producción de sentido en el processo de la recepción*. México: Universidad Iberoamericana, 1990, mimeo.

RONSINI, Veneza M. *Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso de Três Barras*. 1993. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1993.

_____. *Mídia e identidade Juvenis*. *Communicare*, São Paulo: v.2, n.2, p.83 - 101, 2º sem. 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, Janice Tirelli P. *Reinvenções da utopia, a militância política dos jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.